

# VITORINO NEMÉSIO

## OBRAS COMPLETAS

Vol. XI

### A Mocidade de Herculano



## CAPÍTULO VI

### A REVOLUÇÃO DE 30 E O SEU «ARTISAN DE TROUBLE»

O género humano está encanecido, e há muitos séculos que não é renovado por um destes acontecimentos que afundem as sociedades, e que as criam como de novo.

*(Diário do Governo, 13-I-1838.)*

Vamos seguir Herculano na segunda jornada do desterro, de Jersey a Granville; espíá-lo em Rennes na relativa calma da biblioteca pública — uma ilhota no meio dos sobressaltos da emigração que liquida — e levá-lo a Belle Isle, onde tremulam nos topes as bandeiras da libertação e do repatriamento. Antes, porém, retomemos os factos que interessam à história do êxodo português e à preparação do seu termo. Herculano, deixando-nos quase deserdados de memórias pessoais vividas nesse período, e ainda adormecido, como personalidade poderosa, no fundo do tempo que o cria como a um embrião para Deus, está vitalmente envolvido na trama geral do exílio, com os seus destinos dependentes do fluxo e refluxo desses homens, sucessos, casualidades, circunstâncias. Foragido, é uma folha entre muitas que a corrente da história arrasta. Voluntário que vai ser da liberdade da sua pátria, o seu vulto some-se no raso alinhamento dos batalhões em formação. Quase nada de próprio e individual lhe toca: é um átomo na turba. E, se o timbre da sua voz percute na massa do coro, por ora é imperceptível. Aguarda o tempo que vai de um grito meio-anónimo, soltado em parêntesis no unísono dos libertadores convocados, ao retumbar desse grito na terra que lhe abre os braços. Refiro-me às suas poesias de desterrado,

publicadas apenas algum tempo depois do completo triunfo da causa. E mesmo esse brado é, para a história do homem, deficiente. Arranca quase só de sentimentos — e Herculano foi acima de tudo um homem de ideias e actos. Por isso a sua biografia só é verdadeiramente típica a partir do primeiro disparo da sua energia civil sobre o alvo cinzento do país: a partir d'«A Voz do Profeta».

Quando Herculano atirou a sua pobre bagagem para o dormitório de Miss Parker, já a emigração mudara decisivamente de rumo. Plymouth já não era o acampamento de 1828, buliçoso mas desolado, tão esburacado de desesperanças políticas como os tectos de madeira dos barracões do Depósito. Sobre as cabeças, agora levantadas ao faro do regresso e da vitória, deixara a adversidade de tropejar ameaças, embora ainda chovesse bastante fastio e penúria. As hesitações dos chefes da causa desvaneciam-se ao sol da madrugada europeia, que, depois de uma noite que vinha de 1815, do manto da Santa Aliança, resolvia ser um nascer de dia liberal.

Assistimos ao conglobar das facções durante o desterro na Inglaterra, lobrigando os escrúpulos dos moderados em se lançarem abertamente numa reivindicação de regime que implicaria a aliança com elementos extremistas. Não quer dizer que a pomba da paz trouxesse no bico azeitonas para agora comerem todos juntos. Longe disso. Para lá da guerra civil, travada a partir do Mindelo, havia no recesso do campo de um dos exércitos contendores outra guerra civil latente, sopitada, que troava menos porque era uma guerra de ideias ou modalidades de ideias, e, mais do que isso, uma conflagração de estilos e temperamentos. Mas a atmosfera da ilha do negregado John Bull, paradoxalmente limpa dos relâmpagos políticos que riscavam o Sul da Mancha em 1830, obrigava as cisões a soldarem, apontando para a única oportunidade de um provável triunfo colectivo.

Precisamente nas vésperas da revolução que pôs Luís Filipe no trono, a Regência instalada na Terceira em nome de D. Maria nutria gravíssimas apreensões. Em França o Ministério Polignac, na Inglaterra o Gabinete *tory*, da presidência de Wellington, marcavam a hora da reacção. Debalde alguns *whigs*, ansiosos que alastrasse a liberdade na Europa, tentavam bafejar a causa de D. Pedro com algumas auras benéficas. Mackintosh, cuja eloquência já vimos gabada por Herculano, apresentara em 1829 uma moção nos Comuns destinada a fazer pressão em D. Miguel para amnistiar os emigrados, reconhecendo-se-lhe em troca a sua realeza de facto. Mas já era um triste sintoma da desesperança geral num triunfo ganho às armas. Assim, indirectamente, os liberais ingleses julgariam favorecer a vitória dos seus correligionários e hóspedes portugueses, que, uma vez repatriados, conseguiriam talvez mudar a ordem das coisas quebrando a mole apostólica. Mas, além de o cálculo ser demasiado problemático, Wellington esqueceu o voto do Parlamento. Hyde de

Neuville, por seu lado, interpela a câmara francesa em sessão secreta de 3 de Março de 1830, instigado pelos amigos portugueses refugiados em França, que, fartos de provação e de inércia e receosos de um ajuste de contas violento, tentavam tudo para, não podendo conquistar a liberdade, recuperarem ao menos a pátria. Soriano, que não perde a ocasião de beliscar nos chamorros, escreve: «O aspecto do nosso futuro assombrava até a própria Regência da Terceira, cuja melancolia parece se divisava em todas as peças oficiais.» Era o temor, que, enxertado na indecisão dos próceres liberalengos, corrompia a emigração, relaxando compromissos que aos olhos dos puritanos deveriam ser sagrados. Em Abril, se não fora a doença e morte de Jorge IV, o reconhecimento de D. Miguel ter-se-ia consumado. Estivera por um fio. Por outro lado, a fala do trono francês na abertura das cortes, um mês antes (2 de Março), dava a entender que os «prófugos» portugueses não podiam contar com o país que há perto de um século os «iluminava». Fora uma afirmação de princípios nitidamente reaccionários — *micaelizantes*, portanto. De resto, a França tinha mais em que pensar: urgia tomar Argel.

Mas eis que a fala do trono provoca a aglutinação dos deputados liberais, e Royer-Collard, à frente de uma deputação com poderes conferidos por mais de duzentos votos, entrega a Carlos X uma mensagem enérgica. Sobrevém a dissolução. Os colégios eleitorais convocados elegem uma maioria para esmagar o Governo. Censura à imprensa. Segunda dissolução, lei eleitoral para amigos, e, finalmente, a 27, 28 e 29 de Julho, queda de Carlos X e triunfo de «a melhor das repúblicas». Soriano, empolgado, chama a esta ressaca política «os portentosos efeitos» que, quatro meses depois (22 de Novembro), acarretaram a queda do ministério *tory* em Londres, e atribui ao redemoinho que remexeu meia Europa a conversão da Regência da Terceira às conveniências liberais<sup>1</sup>. A revolução, para ele e para todos os exilados, falava alto e claro — «voz de estentor, que tão fatal ressoou para os governos despóticos»<sup>2</sup>.

Só em Agosto o Governo miguelista deixou correr em Lisboa a fulminante notícia, que, apesar do constrangimento apostólico, já antes deflagrava aos ouvidos mais interessados e subtis. Uma renovação intelectual e política de intensidade irresistível precedera os dias de Julho. Os partidos reactivavam a organização e a propaganda: só o republicano, já concentrado e «embalado» para a conquista do Poder, tinha de afrouxar ante a moderação nascida das declarações de Luís Filipe, que, de olhos ridentes para o trono que já se anunciava para ele, prometia ser ele próprio uma república panglössica. Em Julho de 1831 os re-

---

<sup>1</sup> Soriano, *Revelações*, pp. 326-327.

<sup>2</sup> Soriano, *História do Cerco*, I, p. 400.

publicanos rompiam decisivamente com a monarquia, e, como em todas as revoluções, que, uma vez triunfantes, decantam as massas extremas que as fizeram vingar, os descontentes agrupam-se contra os detentores do poder. Por um lado, as vítimas liberais do restauracionismo filipino alçam o pendão da Sociéte des Condamnés Politiques — grilheta arvo-rada em troféu — e, por outro, os Réclamants de Juillet, descontentes com o sistema de distribuição dos favores do poder, reclamam a recom-pensa dos serviços prestados na adversidade comum. Outras associações protestatárias fervilham: a Sociéte de la Liberté, de l'Ordre et des Progrès, com Sambuc à frente e em relações com os homens do grupo Amis du Peuple, bem como grupos irrequietos e decididos de estudantes.

Todo este movimento, em parte anterior à estada de Herculano em Rennes, devia exercer sobre os emigrados portugueses um natural influxo, fornecendo os tipos de associação política destinados a dar às ideias a corporeidade dos factos e a tornar eficaz a resistência ao acomodaticio dos governantes. Lasteyrie fundara em Julho de 1830 a Sociéte Constitutionnelle, cujo órgão, *Le Patriote*, defendia o revisionismo da Carta, a abolição do pariato e dos monopólios, a reforma eleitoral e do fisco. Eram ordeiros. Não estarão aqui gérmes da moderação portuguesa como a entendeu Herculano? Mas não eram só agrupamentos de pura opinião os que se formavam à vista dos portugueses refugiados. O ramo maior dos Bourbons ameaçava a segurança do regime com as suas pretensões ainda vivas, e Béranger — que Herculano leu e traduziu parcialmente — lançava-se com outros na sementeira de associações nacionais meio milicianas, às quais cumpria velar pela manutenção do *statu quo*. Este exemplo, porém, não servia para homens do temperamento de Herculano. Era aos Passos, aos Rodrigo Pizarro, aos Leonel Cabral, futuros setembristas e organizadores da plebe em batalhões políticos a levantar fervura — que cabia a vez de ouvir, ruminar e imitar. No entanto, Thierry, émulo de Herculano, criava-se neste meio.

Esta penetração do modelo francês na consciência liberal dos nossos não é apenas provável: é certa. Lafayette, alma da Revolução de Julho em todos os seus aspectos, canalizava os socorros das associações patrióticas para os portugueses párias. Defensores da causa de D. Pedro e paladinos da liberdade espanhola recebiam por igual subsídios dos franceses, e a Aide Toi, le Ciel t'Aidera — grei solidarista que do próprio nome desprende acre sabor maçónico e que resultara da fusão, em 1827, dos redactores do *Globe* com os Amis de la Vérité — dedicava-se, desde Julho de 1830, à cobertura do *deficit* dos emigrados peninsulares. Funcionava nela um subcomité para a Bélgica<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> Gabriel Perreux, *La Propagande Républicaine au début de la Monarchie de Juillet*, Paris, 1930.

Herculano não se deixava seduzir pelo ideário anti-realista, mas não partiu talvez com a frota de Belle Isle antes do aparecimento de órgãos republicanos do tipo de *L'Estafette*, que se publicava no Havre, e de *Le Brestois*, de Brest. Numa e noutra cidade viviam emigrados nossos. O entusiasmo, a excitação produzida por tão favoráveis acontecimentos, quais os da França desse tempo, tomavam todas as proporções e exprimiam-se nos tons mais vários. Desde as testemunhas presenciais da Revolução aos que, refugiados na Terceira, pareciam ter ouvido, coados pelas ondas, as ecos da fuzilaria travada nas ruas de Paris, todos seguiam o vulto da Liberdade francesa como a uma dama em carne e osso.

Lavradio, agente da Regência em Paris, escreve a 2 de Agosto, no seu inseparável diário, que os acontecimentos revolucionários foram de tal porte e tantos que ainda não está em estado de os arrumar claramente. Ouvira com os próprios ouvidos: «*Vive la Charte! À bas les ministres!*» Na noite de 27 de Julho «o povo quebrou os lampiões das ruas» e «começou a descalçá-las». Eram as barricadas, que estavam levantadas, como muralhas, a 28. Velhos, mulheres e crianças batem-se aos olhos do prócere. Caem-lhe balas aos pés. O Governo Provisório ganha Laffitte e Périer; Lafayette comanda em supremo as guardas nacionais. Lavradio anota, decerto tristemente, que Lafayette vai marchar para a República; mas, apesar de que vê as armas reais apeadas, tranquiliza-se em seu coração de monárquico: as instituições reais não correm perigo algum. «Esta revolução», escreve com calma de historiador, «terá para a França os mesmos resultados que teve a de 1688 para a Inglaterra.»<sup>4</sup> De resto, Lavradio tem grande confiança em Lafayette, anjo tutelar da causa portuguesa nos seus embates da Europa. É ele que recebe de Talleyrand, no momento em que este parte para Londres como embaixador de Luís Filipe, a promessa de se interessar por que o Governo inglês reconheça a Regência de Angra<sup>5</sup>. Espectador interessado, mas calmo, da marcha das coisas francesas, não arde nas chamas que lavram os peitos dos Liberatos e Sorianos. É aristocrata, plenipotenciário, um animal de sangue frio. Em Setembro, a 28, verifica que passou a pureza de intenções mostrada nas vésperas da revolta e que a popularidade se concentrou na pessoa de Luís Filipe — o que decerto lhe apraz. Só se permite reparar que El-Rei conceda a todos uma «nímica familiaridade», a seus olhos imprópria das altitudes do trono. Crê além disso que Guizot, demasiado sensível à geometria dos princípios, terá de sair do Ministério que, se era fértil em palavras bonitas para a questão portuguesa, não se alargava muito em obras. «O partido contra

---

<sup>4</sup> Lavradio, *Memórias*, I, pp. 246-248.

<sup>5</sup> *Ib.*, p. 261. O Conde de Mafra, Francisco de Melo Breyner, também contava cenas da Revolução de Julho (quarto Conde de Mafra, *Memórias*, p. 32).

os liberais doutrinários é muito forte», escreve com mão contente — e sente-se-lhe o calor de quem desadora a polémica compendiosa da emigração. Regouga aos Amis du Peuple; nivela-os aos jacobinos, e, à boa lei do pensamento ordeiro, para além da ilegalidade e dos perigos dos Amis du Peuple descortina outras associações «menos visíveis, mas mais poderosas». O movimento da Bélgica também lhe é antipático; mas, como tem de seguir por força da posição e das coisas o pendor da causa liberal, teme os manejos de Bombelles em Lisboa a favor da «traição anglo-austríaca». A 27 de Outubro, cansado de diligências vãs em prol da sua soberana, consegue de Lafayette uma audiência de Luís Filipe, porém como simples particular...

Lafayette estava intimamente ligado à grande nobreza do exílio, privando em especial com Alvas e Palmelas. O terceiro Conde de Alva, D. Vicente, levava uma rija moçoila portuguesa para lhe amamentar um filhinho; e o príncipe, nos dias de visita àqueles amigos exóticos, entretinha-se a dar moedas de prata à rapariga para que lhe cantasse modinhas da sua terra — Óbidos<sup>6</sup>. Era uma diversão inofensiva e picante, entre musical e etnográfica... Entretanto, Lafayette pensava em extrair destas amizades portuguesas frutos familiares; e, antes de mandar o sobrinho Lasteyrie na cauda de D. Pedro até ao cerco do Porto<sup>7</sup>, tentava expedi-lo, com credenciais portuguesas, a tentar fortuna na Rússia. A ex-Condessa da Ega, agora de Stroganoff, depois de viúva e farta dos abraços ovantes de Junot, ocupava na corte de Petersburgo uma posição de evidência. A mãe, Alcipe, comovidamente a convidava a seguir, dos ermos transcaucásicos, a flora dos jardins do Ocidente:

*Doce Hipicaris! Se onde o Fado acerbo  
Te pôs, longe de mim, chegam meus versos;  
Se lá chegam também os meus suspiros;  
Lê, medita, perdoa, [...]   
Volta os olhos celestes deste lado,  
Repara nos jardins [...]*

Parenta de Lavradio, era este talvez o melhor canal para propiciá-la em favor de Lasteyrie que emigrava. O Conde escreveu-lhe, mas a resposta descoroçoava. A Condessa recebera com cortesia o rapaz, mas a circunstância de ser sobrinho de Lafayette estragava-lhe o êxito que poderia ter na Rússia: «Um homem que inspira tão pouco interesse

---

<sup>6</sup> Melo Breyner (Mafra), *Memórias*, p. 36.

<sup>7</sup> Jules Lasteyrie publicou «Souvenirs des Açores», na *Revue des Deux Mondes*, de 15-VII-1841, e no volume de 1842, primeiro trimestre, pp. 124 e 138.

e que não foi até agora senão um *artisan de trouble* bem pouco estimável.»<sup>8</sup>

Lavradio, ligado aos triunfos e azares da Revolução de 30 por sua situação de agente de negócios de D. Pedro, era afinal uma vítima de acontecimentos que o arrastavam. No fundo, dava talvez razão à prima Ega, sentindo no empresário da Monarquia de Julho esse *artisan de trouble*. A 11 de Março de 1831 anota que, na noite de quarta-feira, 9, a Embaixada russa fora assediada pelo povo, que dava morras veementes e vivas aos tristes polacos. A 10, o Governo tomou precauções: viam-se «estudantes ostentando perpétuas e precedidos por uma bandeira tricolor cercada de fumos», manifestando-se ruidosamente. Lavradio chama à turba — «a mencionada procissão»<sup>9</sup>.

Entretanto, para os espectadores portugueses libertos de escrúpulos e preconceitos, Lafayette era o anjo vindicativo e providencial. Soriano compara-o a Bruto; e, como já havia feito com Quevedo Pizarro — o salvador do liberalismo em 1828 —, chama-lhe um novo Catão:

*Dos antigos heróis republicanos  
Lafayette escurece a Fama anosa.*<sup>10</sup>

A revolução fora o portento dos tempos; e a bandeira das três cores — que «imperava em nossa idade» — o signo da libertação:

*No Palácio-Real, Paris arvora  
A livre, invicta Tricolor Bandeira;  
Cai dos Lis o Pendão, cai a barreira,  
Que um poder colossal erguera outrora.*<sup>11</sup>

Liberato escreve: «Os três milagrosos dias de Julho»<sup>12</sup>; e Ferreira Drummond, cronista da ilha Terceira: «Os sempre memoráveis dias 27, 28 e 29 de Julho», que fizeram com que a Regência de Angra «abaixou a cabeça à imagem da liberdade»<sup>13</sup>. Era um entusiasmo compacto e unívoco, cuja toada não escapava aos ouvidos dos próprios franceses —

---

<sup>8</sup> Carta da Condessa de Stroganoff a Lavradio (1831), *apud* Lavradio, *Memórias*, I, p. 388.

<sup>9</sup> *Memórias*, I, p. 352.

<sup>10</sup> Soneto «Ao Propugnador da Liberdade, o Herói Lafayette» (*Poesias Diversas*, p. 45).

<sup>11</sup> Soriano, soneto «A Heróica Revolução de Paris em 27 de Julho de 1830» (*ib.*, p. 45). Durante a revolução, José de Castilho escreveu o poemeto *O Grito da Liberdade* (Júlio de Castilho, *Memórias*, II, p. 231).

<sup>12</sup> *Memórias*, p. 318.

<sup>13</sup> *Anais da Ilha Terceira*, IV, p. 268.



como se depreende de uma *Ode aos Portugueses* dedicada ao general Pizarro por Maxime Vernois, afinada neste tom:

*O Peuple infortuné qu'un tyran déshonore,  
Et qu'un monstre avilit, peuple de Portugal,*

.....  
*Je sais que, dans ton sein, tous nos chants de victoire  
Ont trouvé de nombreux échos [...]»<sup>14</sup>*

Esses ecos eram com efeito o fermento para a coesão definitiva da liberdade portuguesa, e a sua influência na mudança de tática da Regência instalada na Terceira não era uma afirmação gratuita e ressentida dos extremistas da emigração. Liberato afirma que a sobredita Regência «já parecia outra depois dos dias de Julho em França, porque já não tinha medo de falar na Carta, e até tinha restabelecido as cores da nossa liberdade, *azul e branca*».<sup>15</sup> Em Soriano já vimos considerações idênticas. Mas os testemunhos decisivos deste verdadeiro volta-face são, a meu ver, o que há pouco citei de Drummond, historiador terceirense isento das malquerenças do exílio, e sobretudo estas palavras de Palmela, presidente da Regência, numa carta particular de 21 de Novembro: os emigrados, «excitados com a Revolução de França e achando-se em completo ócio, imaginam todos os dias quimeras». Não seria uma destas o projecto de república ultramarina a que nos referimos já?

O que se vê é que a Revolução de França, se animava a esquerda das hostes portuguesas no exílio e a todos entreabria a possibilidade do triunfo, carregava as faces glabras dos aristocratas da emigração ao verem crepitar na fornalha algumas labaredas mais rubras. Palmela, primeiro, temera a revolução nos seus estragos de rua. Em carta de 2 de Setembro fala dos «espantosos e terríveis acontecimentos que tiveram lugar em Paris no fim do mês de Julho» — e este terror e este espanto

---

<sup>14</sup> *Apud* Lavradio, *Memórias*, I, pp. 550-552.

<sup>15</sup> *Memórias*, p. 339. O azul e branco foi instituído, na bandeira e nos laços, pela Regência, a 18 de Outubro de 1830 — a menos de três meses do movimento de França —, e a bandeira arvorada pela primeira vez num lugre surto em Angra, às nove da manhã de 19 [*vide* o meu opúsculo *A Terceira durante a Regência (1830-1832)*, p. 23, e «O Jornal», de Barreiros, n'Os *Papéis de Meu Pai*, I, p. 103]. O decreto dizia: «Tendo o Governo, que usurpou o trono de Sua Majestade Fidelíssima, usurpado também as cores, que tinham guiado para a vitória as tropas portuguesas, sempre distintas pelo seu valor e lealdade; e sendo necessárias hoje novas insígnias, que distingam os portugueses, que permaneceram fiéis no caminho da honra, daqueles, que tiveram a desgraça de seguir o partido da usurpação; manda a Regência, em nome da Rainha», etc. (*Colecção de Documentos [...] da Regência [...] na Ilha Terceira*, Lisboa, 1833, documento n.º 22).

vêm-lhe, sobretudo, da circunstância de ter a mulher no local da deflagração. Mais tranquilo, porém, quanto ao destino da família, nutre vivas esperanças, e só nas horas de recolhimento meditabundo, roendo o charuto em que Oliveira Martins simbolizou a sua argúcia, pensaria nas consequências extremistas — nas «quimeras» — que o movimento chocava em seu seio.

Os súbditos do Senhor D. Miguel, esses apertavam as mãos na cabeça perante o lavrar do incêndio. Em Lisboa retiveram-se as más novas até que de todo em todo houvesse que torná-las públicas, atalhando-se assim os perigos da sua circulação nas bandeiras terríveis do boato. Mas aos Açores só chegaram com o refrescar de Setembro. Na Terceira, único reduto pedrista, circulou logo o folheto *Revolução de França, ou Sucessos de Paris nos Dias 26, 27, 28 e 29 de Julho*, impresso em oitavo e vendido a quatro tostões. Mas em S. Miguel, capital açoriana do Governo da Usurpação, as notícias deviam ter sido convenientemente acaçapadas. O almirante Prego, capitão-general por D. Miguel, comunica em ofício n.º 25, datado de 12 de Setembro, ao governador de S. Jorge, que a 25 e 27 «arrebentou» em França um ominoso sucesso. A prótese («arrebentou») reforçava notavelmente o tétrico semantema daquela verdadeira bomba... Mas Prego, senhor de si, acrescenta: «A punição de tão atroz delito se seguirá de perto; mas entretanto os revolucionários de todo o mundo se electrizarão com esta notícia»; e recomenda ao pobre alcaide daquele penhasco do Atlântico que redobre de vigilância <sup>16</sup>, não fosse o rastilho de França pegar nas urzes e nos folhelhos da ilha dos inhames e dos queijos... Em circular n.º 29 ao mesmo governador, datada de 4 de Outubro, Prego ordena, por ordem de D. Miguel, que *tolerasse* a bandeira tricolor actualmente usada pelos navios franceses <sup>17</sup>. Até ver...

Estes os efeitos imediatos, animosos ou pânicos, que a revolução das armas e das instituições produzia. O estado de espírito que a precedera, a doutrinação e as diatribes da véspera, as desilusões saídas das primeiras realidades ceifeiras da esperança democrática, o rico e vário proliferar das teorias no administrativo e no político, no metafísico e no ético — tudo isso exigia vias de penetração mais lentas, e só verdadeiramente acessíveis aos emigrados que estavam perto da braseira revolucionária de França. Já demos algumas notas sobre a função da Sorbonne como veículo de ideias. Villemain, Guizot, os naturalistas, preleccionavam a auditórios onde se viam portugueses. E Royer-Collard, professor de História da Filosofia desde 1811 a 1813, transferira da cátedra para a doutrinação e acção política o seu magistério acessível

---

<sup>16</sup> *Crónica da Terceira*, n.º 13, 26-VI-1831.

<sup>17</sup> *Ib.*

ao nosso escol de emigrados. Ele e Guizot forneciam as formas da oratória. José Estêvão o diz, no segundo discurso chamado do Porto Pireu<sup>18</sup>: «Estão no Pireu os que no século XIX mandam vir de França, por atacado, quintais e quintais de discursos do Abade de Maury, e doutros, e que ensopando estas ensossas comidas com molho de Guizot e Royer-Collard», etc.

Mas não só na oratória: em todo o âmbito da política. O Marquês de Fronteira espreitara-o, como vimos, na orientação da Câmara dos Deputados, cuja presidência ocupara em 1828. Era um moderado, um transaccionista, sequaz da política conciliatória mas pouco duradoira de Martignac. A verdade é que, apesar do seu moderantismo, doutrinariamente contribuíra para a alta tensão colectiva das vésperas do movimento de Julho, a todos os respeito *réprise* da vigília geral de 89. Contribuíra, pelo menos, com as suas reservas e os seus arranjos teóricos, tendentes a evitar uma solução violenta. Perante o aforismo de Thiers, segundo o qual reina o rei enquanto o Ministério governa, Royer-Collard mantém-se numa atitude agastada, negando a soberania, eclecticamente, tanto no rei como no povo. Mas também não vai nas águas de Polignac, que são as da represa. Posto em face da votação da Câmara contra ele, procura a varanda de Pilatos, lava filosoficamente as suas mãos macias e aguarda no seu retiro de Chateaufieux o rebentar das comportas. Não, não é um entusiasmo à moda de 1830.

Filosoficamente, o seu influxo só atingia a camada selecta dos espíritos através dos poucos ouvintes portugueses atentos às lições da Sorbonne. Os auditórios de Royer-Collard transmitiram-nos o calor que irradiava do seu método, a cintilação da sua eloquência catedrática e o endereço do seu ensino à formação política e interventora dos discípulos. Quando não passasse aos portugueses *sorbonniques* o seu cartesianismo reforçado pelo bom senso dos Escoceses, os seus assaltos à tirania sensualista de Condillac e de Locke, a sua inimidade ao século XVIII temperada apenas pela aceitação do magistério de Montesquieu, passava o que havia de sugestivo e de cáldo no estilo do seu ensino, a preocupação da boa oratória persuasiva, o amor à clara seriação das ideias e ao reinado dos valores. Cousin, seu sucessor na cátedra e definidor das suas tendências, completaria o ascendente do eclectismo entre nós<sup>19</sup>.

---

<sup>18</sup> 13-II-1840: *Discursos Parlamentares*, pp. 83-84.

<sup>19</sup> A influência do eclectismo em Portugal através de Maine de Biran, Royer-Collard, Cousin e Th. Jouffroy é assinalada por Adolfo Coelho, que lhe atribui importância na criação dos nossos liceus em 1844 (*Le Cours Supérieur de Lettres*, p. 20). Sobre a impressão causada pela eloquência de Royer-Collard *vide* Zaluar, *A Escola e o Trabalho*, pp. 77-78.

Do vigor da impressão causada em Portugal pelos escritos franceses de 30 dá notícia um jovem, criado sob esses signos literários: António de Serpa Pimentel. Em Coimbra, estudante, lia «os livros franceses da época, que andavam em voga, desde os mais sensatos até aos mais cheios de ilusões e exagerações políticas e sociais, como quase todos os publicados em França durante a monarquia de Julho»<sup>20</sup>, e Eça de Queirós faz educar Fradique na ilha Terceira por «um coronel francês, duro jacobino que se batera em 1830 na barricada de Saint-Merry», e que «veio abalar» os «alicerces espirituais» lançados na alma do pupilo por um frade beneditino, «fazendo traduzir ao rapaz a *Pucelle* de Voltaire e a *Declaração dos Direitos do Homem*»<sup>21</sup>.

Garrett (*Portugal na Balança da Europa*) deixou também eco da sublevação interior que a revolução nele causara, abrindo-lhe as perspectivas em que arrumou os dados da causa do seu tempo. Amorim, não sei com que fundamento, atribui influências de *D. Branca*, *Adozinda*, *Catão*, *Camões*, *Lírica* e dos jornais dirigidos por Garrett na fermentação de ideias que precedeu e acompanhou os acontecimentos de Julho<sup>22</sup>.

Quanto a Herculano, foi o seu amigo e correligionário Dœllinger quem acentuou a importância do momento em que buscava asilo em França, onde — diz ele — «recebeu as primeiras impressões da Revolução de Julho»<sup>23</sup>. Referia-se decerto o teólogo alemão ao influxo das instituições e da exaltação colectiva derivadas do movimento; mas o próprio ambiente da revolução nas ruas, embora não fosse presenciado por Herculano, fez-lhe moça. A 24 de Junho de 1837 publicava *O Panorama*<sup>24</sup> uma versão de Delavigne, «O Cão do Louvre», acompanhado de uma nota do tradutor, Herculano, que diz assim: «O seguinte poemeto, que alude ao facto de um cão que passou o resto dos seus dias junto da sepultura da dono, morto em Julho de 1830 no ataque do Louvre, foi composto por um dos mais célebres poetas franceses ainda vivos. Procurámos quanto em nós coube dar na tradução o sentimento profundo que transluz em todas as estrofes do original. Os leitores avaliarão quanto nos aproximámos ao alvo que tivemos em mira.» E, de facto, a versão aguenta o tom conformado e heróico daqueles versos. É um convite ao viandante para que se descubra ante a sepultura do forte,

---

<sup>20</sup> Autobiografia de Serpa, *apud* Pato, *Memórias*, II, p. 322.

<sup>21</sup> *A Correspondência de Fradique Mendes*, 8.<sup>a</sup> edição, p. 14.

<sup>22</sup> Amorim, *Garrett*, I, pp. 501-502.

<sup>23</sup> *Elogio*, tradução de Bruno, p. 6.

<sup>24</sup> I, n.º 8, p. 60.

lhe lance flores e lhe dê pão ao lebreu. Um sopro das barricadas perpassa:

*Da batalha era o dia. O canhão troa:  
E o livre corre à morte, e junto dele  
O seu cão vai.*<sup>25</sup>

Alta noite, sonhando, o cão descobre trincheiras e o dono ferido que o chama. E corre pelos sepulcros julgando correr atrás dele.

Esta versão de Delavigne é o único vestígio que nos ficou do calor deixado na alma de Herculano por sucessos que vira relatados, talvez ainda em Lisboa, nas vésperas de se envolver ele próprio numa tentativa revolucionária. Depois, em Inglaterra e na Bretanha, aperceber-se-ia mais claramente dos antecedentes da Revolução, do seu mecanismo ideológico, transes, tendências e conquistas<sup>26</sup>.

---

<sup>25</sup> P, p. 227.

<sup>26</sup> Há referência a um acto da monarquia de Julho *in* «A Escola Politécnica», OP, VIII, pp. 270-271.

## *ÍNDICE*

PRÓLOGO de Luís A. de Oliveira Ramos .....	9
<i>Bibliografia fundamental</i> .....	30

*A MOCIDADE DE HERCULANO  
ATÉ À VOLTA DO EXÍLIO  
(1810-1832)*

PREFÁCIO .....	41
INTRODUÇÃO A <i>HERCULANO</i> .....	57

**PRIMEIRA PARTE**

**INICIAÇÃO E CRESCIMENTO**

Cap. I — O BERÇO .....	81
Cap. II — A INFÂNCIA .....	95
Cap. III — O DISCÍPULO DO ORATÓRIO: HUMANIDADES, LÓGICA E BÍBLIA .....	135
Cap. IV — UM DESTINO FRUSTRADO .....	187
Cap. V — AS PRIMEIRAS REVOLTAS: ARRUAÇA E TIRANIA .....	201
Cap. VI — A TEBAIDA DA MÃE-D'ÁGUA E OS ABENCERRAGENS DA ARCÁDIA: ITALIANISMO .....	221
Cap. VII — O MAGISTÉRIO DE ALCIPE E A INICIAÇÃO GERMANÍSTICA .....	263
Cap. VIII — O CÚMPLICE DO «AGENTE INCÓGNITO» .....	329

**SEGUNDA PARTE**  
**A EXPERIÊNCIA DO EXÍLIO**

Cap. I — OS ANTECEDENTES DA EMIGRAÇÃO. OS PRIMEIROS PROSCRITOS .....	373
Cap. II — AS NOITES DO BARRACÃO .....	399
Cap. III — CARE OF MISS PARKER, PLYMOUTH. O SENTIMENTO DO DESTERRO .....	421
Cap. IV — DE SHAKESPEARE A BYRON .....	443
Cap. V — «O NOME DE FILÓSOFO» E A SEDUÇÃO DE PARIS .....	481
Cap. VI — A REVOLUÇÃO DE 30 E O SEU «ARTISAN DE TROUBLE» .....	507
Cap. VII — OS DEPÓSITOS DA BRETANHA .....	519
Cap. VIII — RENNES E «CHANTECLAIR» .....	533
Cap. IX — BELLE-ISLE E BISCAIA: A TEMPESTADE .....	547
Cap. X — A TERCEIRA .....	575
Cap. XI — A VOLTA DO PROSCRITO .....	601
 <i>Citações abreviadas das principais obras de Herculano</i> .....	 621